

A Comunicação Comunitária corresponde a uma área de estudos que, firmada nos anos 1970, vem se desenvolvendo com bastante desenvoltura no campo da Comunicação. Muitas vezes acaba sendo substituída por pretensos sinônimos, “comunicação popular e alternativa” ou “comunicação para a cidadania”. Mas esse fato, na verdade, é um falso problema, porque a “comunicação comunitária” enfaticamente reforça o que utopicamente se entende por comunicação: colocar sentidos em comum e, assim, estabelecer vínculos entre os membros de uma comunidade. A comunicação comunitária é, portanto, tanto popular e alternativa quanto inclusiva, mas também faz parte de lógicas e práticas contra-hegemônicas de socialidade. E é esse pertencimento da comunicação ao comunitário, aos laços e às trocas simbólicas entre os sujeitos que habitam determinado espaço, que vem sendo amplamente trabalhado por tais estudos.

No clássico *Comunidade e Sociedade*, o sociólogo alemão Ferdinand Tönnies encarna a utopia romântica que toma a comunidade como alternativa, ou, até mesmo, superação à sociedade. Enquanto as relações sociais aproximam os indivíduos por laços abstratos, jurídicos e psicológicos, as vinculações comunitárias se fazem de modo concreto, isto é, pela experimentação cotidiana dos vínculos entre sujeitos e entre os sujeitos, o território, a natureza e a história.

Não é à toa que Tönnies tem sido com frequência retomado pelos estudos nessa área. Assim como a comunidade é alternativa à sociedade, a comunicação comunitária também faz frente à comunicação social (notadamente midiática), que veicula e que se volta para a manutenção das relações sociais abstratas entre os sujeitos, mas não se faz de estratégias de promoção ou manutenção do vínculo social, da afetividade, do diálogo e do engajamento – da comunicação como real possibilidade de transformação. E é nesse aspecto que também tem sido bastante recorrente a valorização da obra de Antonio Gramsci pelos estudiosos dessa área. A comunicação comunitária é, assim, entendida como *estratégia contra-hegemônica* de comunicação. Desse modo, o comunitário estaria resgatando na comunicação o seu significado etimológico (e, nesse contexto, até mesmo revolucionário) da vinculação que promove o “ser em comum”, e recusando o seu moderno esvaziamento como veiculação midiática. A comunicação comunitária é, portanto, um chamamento político, tanto em termos epistemológicos (pela ampliação do campo da comunicação, para além do midiático) e práticos (pelas lutas advindas do sentimento e da vivência comunitários em busca de inclusão, de

visibilidades alternativas, de modelos produtivos contra-hegemônicos, de maior integralidade e diálogo possíveis entre produtores e receptores das mensagens midiáticas, de novos princípios de educação e comunicação etc.).

Com o intuito de sistematizar num único volume recentes contribuições a essa área, a *ECO-Pós* decidiu dedicar um dossiê especial ao tema. A primeira seção da revista – “Nota de Conjuntura” – traz um texto de Ana Silvia Lopes Davi Médola. A professora da UNESP discute como a TV digital, nova modalidade de comunicação midiática amplamente celebrada pela possibilidade de interatividade, pode tanto estabelecer novos parâmetros para a cidadania quanto novos modelos para os negócios televisivos, em tempo de hiperssegmentação.

O dossiê “Comunicação Comunitária” é composto por oito artigos. O primeiro texto, de Franklin Cornejo, é um estudo etnográfico sobre os modos como meninos e meninas de rua que vivem ao redor de mercados populares em Lima, no Peru, se apropriam de produtos midiáticos. O professor da Pontificia Università Gregoriana observa as medições envolvidas naqueles usos e observa como o processo desigual de modernização latinoamericana, embora não permita a possibilidade de ampliação do consumo material, mantém o consumo simbólico das novidades midiáticas, preservando, assim, a própria desigualdade no acesso aos bens culturais.

Em seguida, Cicilia Peruzzo dedica-se à discussão dos aspectos teóricos que envolvem às reelaborações dos conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária no contexto contemporâneo. A professora da UMESP conclui, numa acurada revisão bibliográfica, que os estudos coincidem num ponto: tratam de práticas de comunicação realizadas por grupos subalternos da sociedade.

No seu texto, Maria Teresa Quiroz elenca velhos e novos problemas da formação de comunicadores sociais comprometidos com a mudança social. A professora da Universidade de Lima e membro do conselho deliberativo da FELAFACS propõe mudanças no modelo de ensino.

Marcelo Kischinhevsky historia os 20 anos da Rádio Livre 91.50 FM, criada por alunos da ECO/UFRJ, observando como a existência e os problemas com a regulamentação da emissora faz parte dos conflitos pela democratização dos meios de comunicação. O professor da UERJ e da PUC-Rio discute o fato de que, apesar da

radiodifusão comunitária ser o mais avançado campo de comunicação comunitário conquistado, ele é ainda frequentemente limitado pelas pressões regulatórias.

Alexandre Barbalho e Francisco das Chagas Alexandre Nunes Souza observam outras formas de comunicação alternativa. O professor do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFC e o professor da Fundação Leão Sampaio analisam as relações entre o jornalismo estudantil e as políticas culturais da juventude a partir da experiência do projeto Clube do Jornal nas escolas de ensino médio da rede pública estadual de Maracanaú, cidade industrial situada na região metropolitana de Fortaleza, entre os anos de 2004 e 2005.

Olga Maria Tavares trata de uma nova modalidade de comunicação comunitária: a convergência possibilitada pela TV digital. A professora da UFPB propõe modos pelos quais a TV digital poderá promover uma convivência comunitária que reforce a democratização da comunicação, a defesa da qualidade da informação e a inclusão sociodigital.

Em seguida, Leandro Leonardo Batista e Joseane Terto Souza constroem uma proposta teórico-metodológica de pesquisas envolvendo comunidades. A Pesquisa Participativa de Base Comunitária (PPBC) envolve a comunidade em todas as suas fases de aplicação, desde a definição de sua necessidade até a implementação das intervenções eventualmente propostas. Os pesquisadores da ECA/USP acreditam que esse modelo pode possibilitar um aumento da autoeficiência da comunidade tanto em relação à solução de um problema específico quanto a desenvolver autonomamente novos projetos de pesquisa.

Encerrando o dossiê, Beatriz Polivanov analisa os modos como determinados agentes envolvidos em rádios comunitárias - produtores e programadores de duas rádios autointituladas comunitárias do Rio de Janeiro (*Novos Rumos* e *Onda Livre*) - constroem discursivamente comunidades em torno de suas rádios. A pesquisadora, valendo-se de visitas e entrevistas por ela realizadas, discute quais são as funções das "comunidades imaginadas" pelas rádios.

No número dedicado à comunicação comunitária, a *ECO-Pós* entrevistou Raquel Paiva, uma das maiores especialistas brasileiras no assunto. A professora da ECO/UFRJ coordena o LECC – Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária –, que agrega professores e alunos da graduação e da pós-graduação voltados para a

experimentação pedagógica e a pesquisa da comunicação articulada à comunidade e à solidariedade. Na entrevista, a autora de *O Espírito Comum* ressalta tanto caráter pedagógico da comunicação comunitária quanto a sua força política na promoção de alternativas às tradicionais modalidades e instâncias de representação.

Na seção “Perspectivas”, a *ECO-Pós* traz artigos sobre temas variados. No primeiro, Maria Augusta Babo analisa a reflexividade na fotografia. A professora da Universidade Nova de Lisboa tem o objetivo de mostrar como a imagem fotográfica, definida como “espelho com memória”, não só leva aos limites sua própria fundamentação na reflexividade, como o máximo de reflexividade coincide com a ruptura dessa mesma reflexividade para outros fluxos configuradores de seu próprio discurso.

Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior, Águeda Miranda Cabral e Marcelo Alves de Barros estudam o impacto da inserção de tecnologias digitais na produção de telejornais com a introdução da TV digital no Brasil. Os autores enfatizam especialmente as mudanças que estão acontecendo no processo de edição desses programas, apesar de a orientação linear das narrativas telejornalísticas ainda ser o padrão.

Logo depois, Vivian de Carvalho Belochio e Luciana Pellin Mielniczuk concentram seu texto na observação da crescente utilização das tecnologias digitais de comunicação para a produção de conteúdos colaborativos de interesse jornalístico nas redes digitais. As autoras apresentam algumas das questões colocadas ao jornalismo contemporâneo por conta da utilização de fontes de ambientes digitais (como *blogs* e *blogueiros*, por exemplo), o que evidencia marcas da presença do movimento Pro-Am no jornalismo, caracterizado pela colaboração entre profissionais e amadores na produção de notícias.

Fernanda Maurício da Silva estuda os embaralhamentos entre informação e entretenimento a partir da análise do programa *Marília Gabriela Entrevista*. A doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA comenta, ainda, a estrutura conversacional do programa como parte daquelas relações.

Em seguida, Bruno César Simões Costa analisa os vídeos de si publicados no *YouTube*. O doutorando em Comunicação Social pela UFMG observa os modos pelos quais se tem usado a vida como próprio roteiro para essas videografias digitais.

Fernando Artech Hamilton desvenda as estratégias do *Comunidade*, quadro do telejornal *SBT Meio Dia*, da Rede SC-SBT, transmitido a partir de Blumenau. O pesquisador da UFSC investiga como um programa de televisão dedicado à comunidade trata basicamente de ocorrências policiais e como se dá a manifestação da presença do gênero policial na televisão.

Para fechar esta edição, a *ECO-Pós* traz duas resenhas. A primeira, escrita por José Antônio Martinuzzo, é sobre o livro *A Batalha da Mídia*, de Dênis de Moraes. E a segunda, de Wilson Borges, analisa as contribuições da coletânea *Comunicação para a cidadania: linhas de um novo campo*, organizada por Bruno Fuser.

Ana Paula Goulart Ribeiro
Suzy dos Santos
editoras